

Escola da infância e extensão: diálogos, desafios e possibilidades

School of childhood and extension: dialogues, challenges and possibilities



ISSN 2358-7180

Dilma Antunes Silva¹, Lilian Ferrezin²

RESUMO

Este texto discute aspectos da experiência recente de uma unidade universitária federal de educação infantil (UUEFI), cuja origem data da década de 1970, ligada à luta por creches em local de trabalho. Trata-se de um estudo qualitativo, de cunho exploratório e de caráter documental, que partiu do mapeamento das ações de Pesquisa e Extensão desenvolvidas no âmbito dessa UUEFI, no período de 2016 a 2020. Este trabalho tem como objetivo compreender o impacto dessas ações na qualificação das práticas educativas e no currículo a que as crianças têm direito na instituição. Para fins deste artigo, propomos uma discussão sobre as relações entre a extensão, o currículo e a formação continuada, visando ao conhecimento dos pontos fortes e fracos dessa instituição na concretização do tripé acadêmico. A análise das produções considerou o conteúdo dos títulos, a quantidade de ações e a sua caracterização. A realização de tais ações vem ajudando o coletivo escolar a pensar estratégias pedagógicas que levem em conta as múltiplas dimensões e as especificidades do atendimento educacional desde a primeiríssima infância. Entretanto, há que se garantir a aproximação e ampliação do diálogo da escola com a universidade, bem como maior investimento em recursos humanos, materiais e tecnológicos, visando à plena realização do tripé acadêmico e do direito das crianças a uma experiência educativa de qualidade.

Palavras-chave: Extensão universitária. Formação docente. Educação da infância. Conhecimento.

ABSTRACT

The text discusses aspects of the recent experience of a federal university unit for early childhood education (UUEFI), which originated in the 1970s, linked to the struggle for day care centers in the workplace. This is a qualitative, exploratory and documentary study, which started from the mapping of research and extension actions developed within the scope of this UUEFI in the period from 2016 to 2020, and aimed to understand their impact on the qualification of educational practices and in the curriculum that children are entitled to at the institution. For the purposes of this article, we propose a discussion on the relationship between extension, curriculum and continuing education, aiming at understanding the strengths and weaknesses of this institution in the implementation of the academic tripod. The analysis of the productions considered the content of the titles, the number of actions and characterization. The performance of such actions has been helping the school collective to think of pedagogical strategies that take into account the multiple dimensions and specificities of educational assistance from the very earliest childhood. However, it is necessary to guarantee the approximation and expansion of the dialogue between the school and the university, as well as greater investment in human, material and technological resources, aiming at the full realization of the academic tripod and the children's right to a quality educational experience.

¹ Pedagoga, mestra e doutora em Educação. Professora EBTT no Núcleo de Educação Infantil – Paulistinha, integrante do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Educação da Infância e Formação de Professores (Gepieifop), ambos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, Brasil. E-mail: antunes.dilma@unifesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1475-3532>

² Pedagoga e especialista em Psicomotricidade. Atua no Núcleo de Educação Infantil – Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, Brasil. E-mail: lilian.ferrezin@bol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4312-3919>

Keywords: University extension. Teacher training. Childhood education. Knowledge production

ESCOLA DA INFÂNCIA NA UNIVERSIDADE

A instituição, cuja produção em extensão analisamos, insere-se no contexto das unidades universitárias federais de educação infantil (UUFEl), e está vinculada à Reitoria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Sua origem deu-se em 1971, com a finalidade de prestar assistência aos filhos e às filhas de mães trabalhadoras, ligadas ao Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina (EPM), que não tinham com quem os(as) deixar durante seu período de trabalho. Atualmente denominada Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação (NEI-EPE³), esta unidade escolar atende bebês e crianças desde o berçário até o 5º ano do ensino fundamental, servindo também como campo para realização de pesquisa, extensão e estágio.

O NEI-EPE desde sua origem recebeu diferentes nomes⁴: Comunidade Infantil (1971 até final da década de 1980), Escola Paulistinha de Educação Infantil (1989 até meados da década de 1990), e, a partir de 1994 – época em que teve início a implementação de classes do ensino fundamental –, conforme ofício nº 316, de 20 de dezembro de 1994, enviado ao Ministério da Educação e Desporto (MEC), a referida escola passou a denominar-se Escola Paulistinha de Educação Infantil e Primeiro Grau. Três anos mais tarde, por meio da Resolução nº 11, de 19 de novembro de 1997, sua nomenclatura foi alterada para Escola Paulistinha de Educação, com adoção da sigla EPE, em referência à Escola Paulista de Enfermagem (EPE), seu local de nascimento na década de 1970. A Paulistinha, maneira como essa instituição é conhecida pela comunidade, manteve-se vinculada ao Departamento de Assuntos Comunitários (DAC) até meados de 2014, quando, pela Resolução Consu Unifesp, foi criado o NEI-EPE, vinculado à Reitoria da Unifesp. Essa transição é decorrente também de importantes avanços no campo da educação básica, em especial para a área da educação infantil, que, no caso das UUFEl, levaram a negociações junto ao MEC e culminaram na Resolução MEC/CNE/CEB nº 1, de 10 de março de 2011. Esta, em seu artigo 8º, determina que as universidades, “no exercício de sua autonomia, [...] devem definir a vinculação das unidades de Educação Infantil na sua estrutura

³ Paulistinha ou NEI-Paulistinha são formas como a comunidade se refere à nossa escola, portanto também serão utilizadas neste texto.

⁴ Não há uma organização sistemática dos registros sobre a origem e história dessa instituição escolar, o que dificulta a composição de uma linha do tempo factual. Para a escrita desta breve apresentação, reportamo-nos a registros de memória e arquivos ou informações disponíveis em sítios da internet.

administrativa e organizacional”, assegurando os recursos financeiros e humanos necessários para o seu pleno funcionamento.

O referido documento traz na sequência um artigo que estabelece que as unidades de Educação Infantil ligadas diretamente à Administração Pública Federal adotem as medidas necessárias ao cumprimento das normas, que englobam: a garantia de padrões mínimos de qualidade; o ingresso de profissionais da educação, exclusivamente, por meio de concurso público de provas e títulos; planos de carreira e valorização dos profissionais da unidade educacional; o direito à formação continuada; condições adequadas de trabalho, entre outras (BRASIL, 2011).

Nesse contexto, foi criado o NEI-EPE, “uma unidade de educação infantil que integra o sistema federal de ensino, seguindo as legislações próprias deste sistema”, cuja missão é “o oferecimento de educação infantil de qualidade [...], também servindo como campo de formação e estágio para alunos dos diferentes cursos e *campi* da Unifesp” (UNIFESP, 2014).

Na linha histórica recente do NEI-EPE, muitas transformações e adequações podem ser observadas e articulam-se à busca por melhor definição de sua função social, política e acadêmica no contexto universitário e no cenário político mais amplo, em especial no que se refere à Educação da Infância.

Ao longo dos anos, o trabalho da instituição seguiu o princípio de oferecer um serviço de qualidade à comunidade, expressando solidariedade e compromisso ético-social com a educação e cuidados de bebês e crianças, com a formação e estágio de alunos advindos dos diferentes espaços da universidade.

O vínculo da Paulistinha com a Escola Paulista de Enfermagem (EPE) é uma característica fundamental de sua identidade. Durante muito tempo, a escola serviu e tem servido como locus de pesquisa, extensão e estágio para profissionais e estudantes de diferentes cursos ligados principalmente à área da saúde, na interface com a educação das crianças. Sobre esse aspecto, é importante dizer que ainda é muito recente, na área da Educação, a produção de pesquisas sobre a escola e ou originadas nela. Daí a importância deste trabalho para a divulgação do saberes produzidos pelo coletivo do NEI-Paulistinha.

Comunicar à sociedade e à comunidade as produções em pesquisa e extensão é uma forma de garantir a transparência dos processos pedagógicos e de viabilizar o diálogo entre escola-universidade-sociedade. Ademais, contribui para o fortalecimento de sua identidade como produtora de conhecimento. Para além de ser um campo que recebe pesquisa, extensão e estágio, ser reconhecida como unidade que produz conhecimento (NASCIMENTO et al., 2020;

SILVA, NASCIMENTO, 2021) e que contribui para a formação cidadã e o desenvolvimento científico e cultural é um dos objetivos e desafio colocados a esta UUEFI quinquagenária.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA BÁSICA

Este texto resulta de uma análise exploratória das produções realizadas e ou coordenadas pelo NEI-EPE, no período de 2016 a 2020, cujas informações estão disponíveis no site da instituição e no Catálogo de Cursos e Eventos da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (ProEC), da Universidade Federal de São Paulo.

O recorte temporal foi definido tendo em vista dois momentos marcantes: 1) a criação do NEI-EPE, em 2014, que viabilizou a contratação de docentes da carreira do ensino básico técnico e tecnológico (EBTT); 2) a aprovação do Regimento Educacional, em 2016, ano em que se iniciam as primeiras ações voltadas à construção coletiva do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição. Esse período também marca o início das ações extensionistas promovidas pelas docentes EBTTs do NEI-EPE. Segundo consta no Projeto Político-Pedagógico (PPP) do NEI-Paulistinha (UNIFESP, 2020), a partir de iniciativas de professoras e colaboradores, a unidade vem trilhando um percurso bastante significativo no campo da Pesquisa e da Extensão, articulado ao Ensino e à Formação Continuada, resultando na elaboração de documentos internos norteadores e reveladores das práticas pedagógicas junto aos bebês e às crianças pequenas, e na consolidação de sua proposta pedagógica, construída coletivamente, a partir de processos de escuta. Reconhecida como a primeira UUEFI do país, a Paulistinha, ao longo das últimas décadas, consolidou-se como importante campo para formação relacionada à área da Saúde (PEREIRA, CARMAGNANI, SILVA, 2010) e, mais recentemente, vem buscando fortalecer-se também enquanto “campo de pesquisa das próprias educadoras⁵ [...] [numa] via de mão dupla” as quais participam da produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, contribuem para a qualificação das práticas pedagógicas na instituição (UNIFESP, 2020).

Segundo César (2013), é por meio da articulação das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão que a unidade educacional vai concretizando seu trabalho e sua identidade. Ao buscar fortalecer-se como campo promotor de Extensão e de Pesquisa de docentes, deve-se ter em mente a compreensão do tripé acadêmico como oportunidade para qualificação profissional e pedagógica (SANTOS et al., 2021). Nessa direção, Nascimento et al. (2020, p. 396) consideram que a articulação dessas atividades, no âmbito do NEI-Paulistinha, possibilita

⁵ Neste texto, nos referimos aos profissionais docentes desta instituição no feminino, por serem a maioria mulheres. No NEI-Paulistinha há 46 docentes, incluindo-se aqui as auxiliares de sala; apenas dois são do gênero masculino.

[...] refletir sobre as práticas de ensino, sobre os processos de organização do trabalho pedagógico e formativo de suas/seus profissionais, sobre os modos de ser, pensar e aprender das crianças e de que forma vivem suas infâncias, brincam e produzem as culturas infantis e assim ser campo fértil de formação de profissionais que atuam com a infância e que produzem conhecimento.

Pereira (2019), em trabalho recente, avaliou que o NEI-Paulistinha tem o potencial de favorecer o desenvolvimento de habilidades e competências pertinentes à atuação profissional, pela possibilidade de imersão na prática educativa com bebês e crianças pequenas, na educação infantil, e com crianças maiores em séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano). Sendo um campo fértil para a formação de novos profissionais e pesquisadores, esta UUFEl contribui para que diferentes saberes especializados sejam acessados, de modo que esses sujeitos, na relação com o objeto de seu interesse e em interlocução com os diferentes atores que habitam a escola, possam aprofundar sua compreensão acerca da relevância de uma prática intencional e comprometida com a formação integral dos educandos.

Quando analisamos o percurso histórico da Paulistinha, podemos perceber, a partir das fontes que estão acessíveis, os impactos das ações do passado reverberando no tempo presente, servindo como inspiração, orientando caminhos, e, até mesmo, fundamentando normativas. A Resolução Consu nº 102, de 2014, é um exemplo disso. Em seu artigo 3º, aponta a finalidade primeira do NEI-EPE de “ofertar educação de qualidade aos bebês, crianças na educação infantil e no ensino fundamental” (UNIFESP, 2014). Na continuidade, realça a identidade desta UUFEl ao defini-la como campo para realização do tripé acadêmico. Esse artigo, em nosso entendimento, reafirma a escola da infância como um lugar privilegiado para a produção e difusão de conhecimentos gerados por diferentes atores. Entretanto, cabe-nos perguntar qual o lugar que essa escola ocupa na conjuntura da universidade? Como são vistos os atores sociais dessa escola – como meros colaboradores ou como agentes da transformação?

A realização da extensão universitária, sob o fundamento constitucional da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, é compreendida como um “processo educativo, cultural e científico [...] [que] viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (FORPROEX, 2001, p. 23). Nessa perspectiva, a extensão realizada no e promovida pelo NEI-EPE deve reforçar o compromisso social da universidade na busca inequívoca pela qualidade, na socialização do conhecimento e no enfrentamento das desigualdades presentes na sociedade.

Educadoras e educandos produzem conhecimentos. Que relevância possuem no (disputado) universo acadêmico? Quais nexos são tecidos entre essa escola básica e a escola superior? Essas questões expressam as tensões, os dilemas e os desafios inerentes à própria

razão de existir da Paulistinha, que é, como escreveu Raupp (2002; 2004): poder realizar trabalho no nível da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, capaz de responder às demandas e aos desafios colocados para a educação pública, “caracterizando-se, além de campo para educação de crianças, como espaço de formação acadêmica e profissional, que produz e socializa conhecimentos” (RAUPP, 2004, p. 213).

Numa primeira mirada, a Resolução nº 102/2014, que criou o NEI-EPE, não dá conta de explicitar os profissionais e educandos como agentes promotores da ciência, arte e cultura na estrutura organizacional universitária. Essa, talvez, seja a parte que nos cabe enquanto profissionais que atuam na escola da infância em contexto universitário. Por outro lado, é decorrente desse instrumento legal que se tem realçada a especificidade do trabalho pedagógico e, por conseguinte, aspectos importantes da identidade da instituição.

Articular o Ensino com a Pesquisa e a Extensão tem sido uma importante estratégia de desenvolvimento institucional e meio pelo qual se busca ampliar o diálogo entre instituição e outros atores e setores da Unifesp e com a sociedade. Considerando os objetivos e finalidades constantes no documento de criação do NEI-Paulistinha, e parafraseando César (2013),

compreendemos essa tríade como um importante meio pelo qual se busca consolidar a identidade dessa unidade escolar como produtora de conhecimentos potentes sobre a infância e a educação da infância, como formadora de professores com qualificação profissional para atuar na educação básica, numa perspectiva democrática e de transformação de sua realidade social.

Sua contribuição à sociedade não está circunscrita à função de “ofertar o ensino/educação, servindo como campo de formação”, compreende também, um esforço coletivo, no sentido dado por Raupp (2002), para a promoção e disseminação de diferentes saberes advindos, inclusive, da prática educativa, com a ampliação do acesso aos conhecimentos da realidade sociocultural pelas crianças, pelas famílias e pelos diversos profissionais atuantes na escola.

Nas palavras da autora,

[...] o que estamos afirmando é que o trabalho com a Educação Infantil não pode ficar à margem da atividade universitária como se fosse apenas um serviço prestado à comunidade universitária, pois se apenas esse fosse o sentido não se justificaria a presença dessas unidades no interior da universidade [...]. A luta é pela ampliação e reconhecimento desse espaço (RAUPP, 2002, p.104-105).

São as ações referentes ao segundo cenário, isto é, as propostas focadas na formação de docentes (inicial e continuada), que abordamos neste estudo.

De acordo com César (2013, p. 7), a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão está “relacionada às suas funções socioeducacionais e à razão existencial das universidades,

que se constituíram, historicamente, vinculadas às aspirações e aos projetos nacionais de educação”. Observando a especificidade da Paulistinha dentro da estrutura da universidade, é imprescindível, como aponta Raupp (2004, p.2012), garantir “uma inter-relação com professores dos departamentos de ensino da área da educação, [...] a fim de se estabelecer um contato direto com o conhecimento produzido e sistematizado” e de ampliar as discussões e proposições referentes ao campo da educação da infância. O estabelecimento dessa relação, segundo Moruzzi (2011), maximizaria as possibilidades de reflexão da prática pedagógica da unidade, favorecendo a ampliação do campo de atuação no âmbito dos estágios, da pesquisa e da extensão.

A PRODUÇÃO DO NEI-PAULISTINHA: 2016 A 2020

Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária, as ações de extensão devem: ter como fundamento o diálogo e a troca de saberes entre universidade e sociedade; ter caráter interdisciplinar e interprofissional; estar associadas ao ensino e à pesquisa; gerar impacto na formação dos estudantes e gerar impacto e transformação social (FORPROEX, 2012).

Tendo em vista essas definições, realizamos um mapeamento das ações de extensão desenvolvidas pelo NEI-Paulistinha no período de 2016 a 2020, com o propósito de compreender seu impacto na qualificação das práticas educativas e no currículo a que as crianças têm direito na instituição. Partimos do estudo de Nascimento et al. (2020) que analisou as produções acadêmicas desta instituição, referentes à recepção e à produção de pesquisa, extensão e estágio entre os anos de 2005 e 2019.

O levantamento feito pelas pesquisadoras cobriu o repositório institucional da Unifesp e a análise de documentos entregues à Coordenação de Pesquisa, Extensão e Estágio (CPEE) do NEI-EPE. Nesse sentido, as autoras nos apresentam dois cenários, e assim os explicam:

Na condição de campo de atividades de extensão, [o NEI-EPE] recebe ações das áreas da educação e saúde, que serão realizadas diretamente com as crianças [...]. Já as ações propostas na área da educação tendem a focar na formação docente, tanto inicial como continuada (NASCIMENTO et al., 2020, p. 320).

A análise das informações sobre extensão promovidas pelo NEI-EPE se insere no âmbito das abordagens qualitativas, uma vez que abrange aspectos constitutivos da identidade dessa instituição escolar. Trata-se, portanto, de um estudo de cunho exploratório e de caráter documental, cujo delineamento levou em conta também as contribuições de Castro (2004), Chaves e Gamboa (2000), Nascimento et al. (2020), Silva e Nascimento (2021), Arroyo e Rocha (2010), entre outros. Os dados foram obtidos a partir de buscas no Sistema de Informações da

Extensão (Siex) da Unifesp, utilizando os recursos disponíveis no próprio site. Ao todo, foram encontradas 77 ações, sendo três projetos, 17 cursos e 47 eventos.

A tabela abaixo mostra o número de ações realizadas por ano, segundo o tipo (Programa, Projeto, Curso e Evento).

Tabela 1– Distribuição das ações de extensão por ano, segundo o tipo

Ano	Programas	Projetos	Cursos	Eventos
2016	0	0	1	2
2017	0	0	2	6
2018	0	0	4	9
2019	0	0	3	5
2020	0	3	7	25
Total	0	3	17	47

Fonte: As autoras (2021).

Como metodologia de trabalho, organizamos uma planilha tendo como parâmetros o título, o período de oferta e realização, o tipo e a caracterização de cada ação. Isso favoreceu o desenvolvimento das fases posteriores, quais sejam: a leitura flutuante dos títulos, buscando identificar palavras-chave; a elaboração de uma tabela de frequência, a partir das palavras-chaves identificadas; a produção de uma nuvem de palavras, utilizando a plataforma *Mentimeter*.

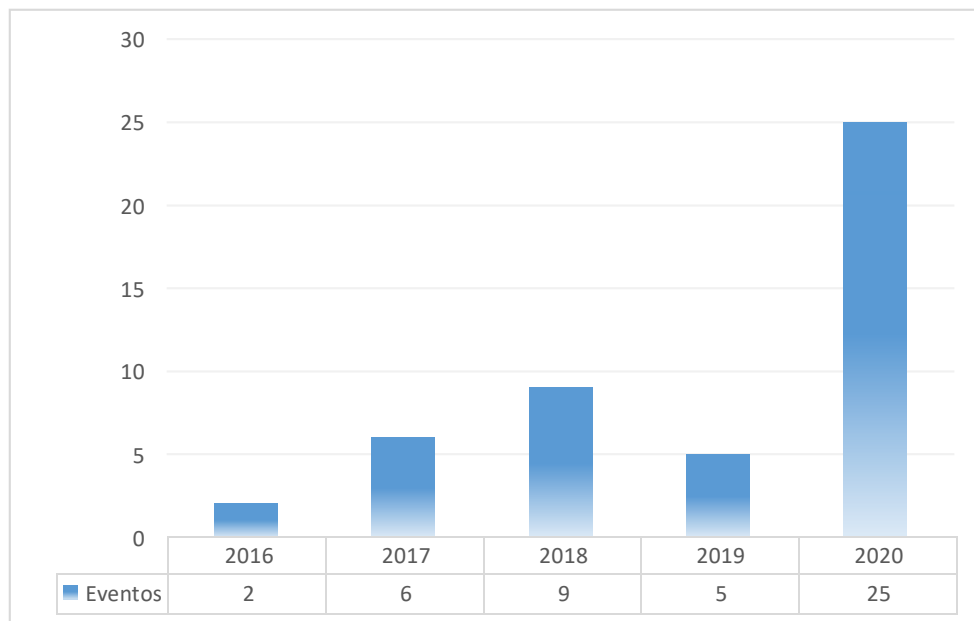
Como podemos observar na Tabela 1, não foram localizados Programas de Extensão em todo o período pesquisado, e não constam registros de Projetos vinculados ao NEI-EPE para o período de 2016 a 2019. Referente ao ano de 2020, identificamos oito projetos vigentes sendo desenvolvidos no âmbito da Reitoria da Unifesp, dentre os quais três são coordenados por docentes da Paulistinha, quais sejam: o “Projeto de Extensão Arte e Infância”; “Práticas Pedagógicas na escola da Infância”; e “50 anos da Paulistinha: partir da história”.

Quanto à oferta de cursos, identificamos um total de dezessete, com carga horária que variava entre oito e sessenta horas, ofertados presencialmente, em sua maioria. Em relação aos eventos, observamos que este foi o tipo de ação extensionista que mais cresceu ao longo do período analisado. Ao todo, foram quarenta e sete propostas, cuja carga horária e a classificação variam bastante. Seu público-alvo teve como prioridade docentes e funcionários da escola

Paulistinha, numa perspectiva de abrir caminhos para a formação continuada e para retroalimentar as práticas pedagógicas desenvolvidas na instituição.

O gráfico a seguir mostra a trajetória dos eventos de extensão promovidos pelo NEI-Paulistinha.

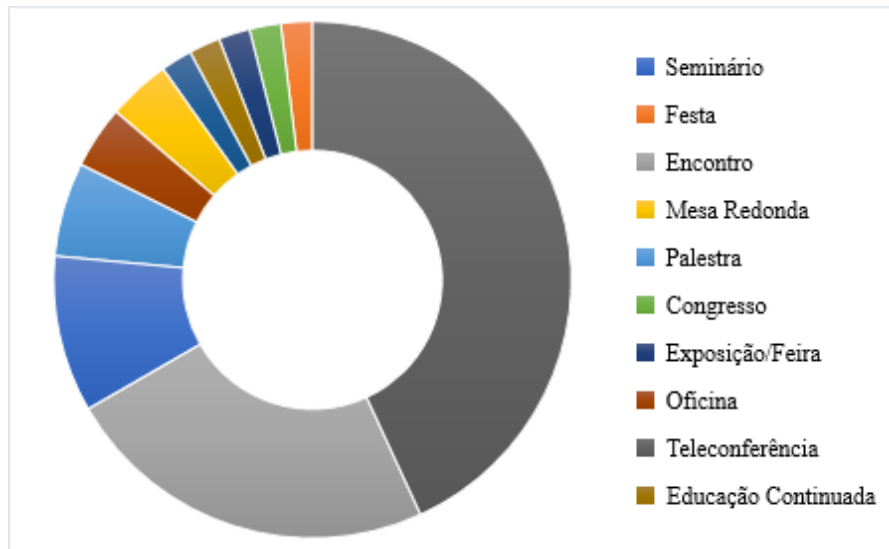
Gráfico 1- Trajetória de eventos 2016-2020



Fonte: As autoras (2021).

Segundo o documento “Extensão Universitária: Organização e Sistematização”, elaborado pelo Forproex (2007), eventos de extensão caracterizam-se como ações extensionistas que implicam “a apresentação e exibição pública e livre ou também com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade” (FORPROEX, 2007, p. 38). Assim, são considerados eventos: congresso, seminário, ciclo de debates, exposição, festival e ações pontuais de mobilização que visam a um objetivo definido, como campanhas, por exemplo. Com base nisso, elaboramos o gráfico a seguir para mostrar como o NEI-Paulistinha vem diversificando suas abordagens, ao longo de todo período analisado.

Gráfico 2- Classificação dos eventos de extensão - 2016 a 2020



Fonte: As autoras (2021).

A análise das informações sobre extensões, promovidas pelo NEI-Paulistinha entre os anos de 2016 e 2020, possibilitou identificar um vasto conjunto de ações cuja ênfase indica uma busca permanente para consolidação de conceitos e princípios estabelecidos como norteadores da proposta pedagógica da instituição. Isso ficou evidente conforme realizávamos a leitura atenta dos títulos das ações de extensão, grifando palavras ou termos mais recorrentes.

Observamos que, se por um lado a recorrência de termos como “formação de professores”, “direito das crianças”, “currículo”, “infância(s)”, “pesquisa”, “práticas educativas”, “pandemia”, entre outros, representa um importante e necessário avanço no campo teórico e com repercussões no trabalho efetivo junto às crianças pequenas – como já apontaram Nascimento et al. (2020) e Silva e Nascimento (2021) –, por outro, as palavras menos recorrentes nos títulos das ações extensionistas ajudam a revelar alguns dos desafios ainda presentes nessa escola, quanto à garantia da igualdade de condições de permanência e de desenvolvimento humano. Isto é, embora a análise das produções tenha indicado a presença de ações focadas na discussão sobre inclusão de pessoas com deficiência, igualdade racial, relações ambientais (contato com a natureza), uso de tecnologia, interlocuções entre educação e saúde, a prevalência desses temas deu-se em menor número. Esses aspectos desvelam, ao nosso ver, a necessidade de consolidação de uma proposta curricular integradora que assuma como compromisso a realização de uma educação que respeite a pluralidade e a multidimensionalidade da formação humana e que seja inclusiva, antirracista e equitativa – princípios que são constitutivos da qualidade social da educação (SILVA, 2020).

Outro ponto a considerar diz respeito à oferta de cursos e eventos no contexto da crise sanitária causada pela Covid-19 no ano de 2020. Houve, no período em questão, um aumento

significativo na oferta de ações extensionistas, com destaque para os eventos, que representam um número cinco vezes maior em comparação ao ano imediatamente anterior. Decorrente da análise dos títulos observamos que, das 25 ações promovidas em 2020, 14 remetiam-se ao contexto de crise sanitária adotando os seguintes termos: pandemia (12); tempo de distanciamento (1); ensino remoto (1).

Depreendemos que, devido à pandemia, as demandas formativas, assim como as pedagógicas, voltadas diretamente à educação/ensino das crianças, quando redimensionadas para o formato virtual, exigiram de todos – adultos e crianças – adequarem-se aos “novos” modos e tempos de viver a própria docência e a escola da infância. Assim, a proposição de ações formativas buscou uma aproximação com profissionais atuantes em diferentes áreas (saúde, educação, movimento social) numa perspectiva de intersectorialidade. A contribuição de tais propostas está em auxiliar o coletivo escolar na (re)elaboração de suas estratégias pedagógicas, consonante aos desafios colocados pelo contexto pandêmico, tendo em conta as múltiplas dimensões e as especificidades da educação da infância.

Os eventos de extensão realizados, principalmente entre os meses de maio e dezembro, focalizaram a formação de docentes e profissionais do NEI-Paulistinha, bem como de famílias de bebês e crianças pequenininhas, pautando temas diversos; contaram também com a presença de estudantes de graduação que, à época, desenvolviam seus estágios curriculares, e de sujeitos da comunidade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O currículo escolar deve proporcionar, desde a primeiríssima infância, experiências significativas para as vidas das crianças, possibilitando o acesso ao conhecimento elaborado, com foco na formação plena dos indivíduos. Nesse sentido, a qualificação docente, pela via da inserção em ações extensionistas, traz como possibilidades: a superação de práticas cristalizadas, a promoção de experiências articuladas com o contexto escolar em que os sujeitos, participando de espaços de discussão, reflexão e intervenção, contribuem para a resignificação dos saberes inerentes à profissão.

Segundo Chaves e Gamboa (2000, p.164), a formação de profissionais “para atuar em situações complexas, produzir conhecimento científico, elaborar materiais instrucionais para socializar conhecimentos, são desafios que nos propomos a encarar a partir do ensino-pesquisa-extensão” tendo como princípio e objetivo a profissionalização do trabalho pedagógico.

Nesse ponto, este trabalho ajuda a dar visibilidade ao esforço da Paulistinha em assegurar a articulação entre o Ensino e a Extensão, apoiada nas e amparando as especificidades dessa escola básica e da educação ali ofertada. Os dados revelam avanços, contrastes e desafios do presente. Nesse ponto, mapear as ações extensionistas promovidas pelo NEI-Paulistinha trouxe como possibilidade conhecer os pontos fortes e fracos da formação continuada e na concretização do tripé acadêmico, cujos reflexos podem ser evidenciados no cotidiano dessa instituição. Como resultado da experiência acumulada na promoção de eventos extensionistas, focados na formação docente, é possível traçar novos caminhos e metodologias visando, no âmbito da própria instituição, à consolidação de um currículo integral, no sentido de garantir a maior aproximação da experiência educativa (saberes e vivências do ambiente escolar) com as vidas das crianças (SILVA, 2020) e dos profissionais da escola, e com a comunidade atendida. Para além de seus muros, faz-se mister expandir o campo de atuação, com articulações internas (no nível da própria universidade) e externas, envolvendo fóruns de discussão da área, redes de ensino, movimentos sociais organizados, sindicatos e outros (RAUPP, 2002; 2004).

Segundo Arroyo e Rocha (2010), o trabalho pautado na indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão tem como preocupação a oferta de uma formação não segregada. Em consonância com essas autoras, ressaltamos que os aspectos inerentes a essa tríade “não estão, ainda, tão claros para todos, o que mostra a importância de se debater as diferentes concepções, as diversas formas de implantação e de avaliação da extensão universitária (...)” no NEI-Paulistinha (ARROYO, ROCHA, 2010, p. 141). Colocamo-nos à disposição para esse debate, para pensarmos coletivamente a abertura de novos caminhos que levem à consolidação de sua identidade como lócus de produção e socialização de saberes especializados sobre a infância, a educação e cuidados de bebês e crianças de diferentes idades e sobre a formação de docentes.

Por fim, consideramos o mapeamento das atividades de extensão como uma via para que a comunidade escolar e sociedade em geral conheçam as potencialidades do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo coletivo de docentes e outros profissionais atuantes no NEI-EPE. Ademais, constitui-se como meio de a universidade devolver à sociedade, de maneira transparente, os recursos que permitem sua existência enquanto instituição pública de ensino comprometida com a produção de conhecimentos emancipadores (CASTRO, 2004).

Apesar dos avanços até aqui, o caminho ainda será de muito trabalho. Parece-nos oportuno rever as ações extensionistas já ofertadas, reavaliá-las visando a novas possibilidades de agir, outros saberes; ampliar as temáticas discutidas e insistir num plano de formação que tenha como pautas os temas, que, segundo nossa interpretação, são relegados a segundo plano. Nesse ponto, vale lembrar que será preciso vencer fronteiras, encaradas como barreiras

(YOUNG, MULLER, 2016), que estão presentes no interior da escola e na relação universidade-escola-sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, D. M. P.; ROCHA, M. S. P. M. L. Meta-avaliação de uma extensão universitária: Estudo de caso. *Avaliação* (Campinas), Sorocaba, v. 15, n. 2, p. 131-157, jul. 2010.

BRASIL. *Resolução CEB/CNE nº 1 de 10, de março de 2011*. Fixa normas de funcionamento das unidades de Educação Infantil ligadas à Administração Pública Federal direta, suas autarquias e fundações. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. *Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação- PNE 2014-2020 e dá outras providências. Brasília, DF, 2018.

CASTRO, L. M. C. *A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores*: ainda existem utopias realistas. Rio de Janeiro: UFB, 2004.

CESAR, S. B. *A indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e a gestão do conhecimento*: estudo em universidade brasileira. Belo Horizonte: FUMEC, 2013.

CHAVES, M.; GAMBOA, S. S. *Prática de ensino*: formação profissional e emancipação. Maceió: EDVFA, 2000.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). *Avaliação da Extensão Universitária*. (Documento de trabalho 2000/2001). Brasília. MEC/Sesu. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Avaliacao-Extensao.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). *Política Nacional de Extensão Universitária*. UFRGS: 2012. Disponível em: https://www.ufrgs.br/proext/wp-content/uploads/2015/10/PNE_07.11.2012.pdf. Acesso em: 16 ago. 2021.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). *Extensão Universitária*: organização e sistematização. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

MORUZZI, A. B.; SILVA, B. N. B. A educação infantil nas universidades federais frente à Resolução CNE/CEB nº 1 de 2011. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 8, n. 1, p. 139-155, 2017.

NASCIMENTO, A. P. S.; BREDAS, B.; SILVA, N. M. C.; FERREIRA, P.F.; ARAÚJO, T. V. Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação: Ensino, Pesquisa e Extensão em uma Unidade Universitária Federal de Educação Básica. In: NEMI, A.; GALLIAN, D.;

MINHOTO, M. A. P. *Unifesp 25 anos [livro eletrônico]: histórias e reflexões*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

PEREIRA, A. A. A. S. O vivido e o revivido: histórias não contadas sobre o Núcleo de Educação Paulistinha. In: SILVA, D. A.; PEREIRA, A. A. A. S.; BREDAS, B. (Con)Viver a Educação: relatos de práticas cotidianas no Núcleo de Educação Infantil Paulistinha. Curitiba/PR: Appris, 2019. p. 21-38.

PEREIRA, M. I. S.; CARMAGNANI, S. R. P.; SILVA, M. G. B. Inserção e impacto social da Escola Paulista de Enfermagem no cenário paulista. In: BARBIERI, M.; RODRIGUES, J. (Org). *Memórias do cuidar: setenta anos da Escola Paulista de Enfermagem*. São Paulo: Editora Unifesp, 2010. p. 167-204.

RAUPP, M. D. *A Educação Infantil nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

RAUPP, M. D. Creches nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, p. 197-217, jan./abr. 2004.

SANTOS, A. M.; ZULUAGA, R. A. G.; LISITA, A.; LIMA, W. G.; Bezera, M. A. Extensão Universitária como oportunidade para qualificação profissional. *Extensão em Foco*, Palotina, n. 22, p. 11-130, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/70587/pdf>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SILVA, D. A. *Qualidade social da creche: polissemia de múltiplas vozes*. 2020. 299 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23367>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA, D. A.; NASCIMENTO, A. P. S. Reconhecer-se como uma creche/escola universitária: institucionalização e profissionalização docente. In: CONGRESSO ACADÊMICO DA UNIFESP: a Universidade em defesa da vida, 7. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61519>. Acesso em: 18 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Conselho Universitário. *Resolução CONSU nº 180, de 04 de dezembro de 2019*. Disponível em: https://www.unifesp.br/images/docs/consu/resolucoes/2019/Resolu%C3%A7%C3%A3o_180.pdf. Acesso em 16 maio 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. *Resolução nº 102, de 11 de junho de 2014*. Cria o Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação da Universidade Federal de São Paulo. Unifesp, São Paulo, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Núcleo de Educação Infantil-Escola Paulistinha de Educação. *Projeto Político Pedagógico: concepções da escola da infância*. Versão Preliminar, maio de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. *Regimento de Programas e Projetos de Extensão*. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/images/PROEX/pps/documentos/Regimento%20Programas%20e%20Projetos.pdf>. Acesso em 16 maio 2021.

YOUNG, M.; MULLER, J. Três cenários educacionais para o futuro: lições da sociologia do conhecimento. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 27, n. 65, p. 522-551, maio/ago. 2016.

Recebido em: 08 de junho de 2021.

Aceito em: 29 de novembro de 2021.